



## A batalha de mulheres na produção de poesia oral 'SLAM'\*

### Women's battle production of oral poetry in 'SLAM'

Pérola Cunha Bastos<sup>1</sup>

Lícia Maria Barbosa de Lima<sup>2</sup>

**Resumo:** O Slam opera como meio de existência e reinvenção das sujeitas, negras da periferia de Salvador, investidas em batalhas de Slam. Objetivamos analisar o sentido do Slam para essas mulheres. Trata-se de uma pesquisa colaborativa, em andamento. Discutimos categorias conceituais, como gênero, raça e feminismo Gonzalez (2020), pensar como crítico cultural Santos (2013), movimentos culturais e performance Barbosa (2019), o *poetry* Slam, ou Slam Amanda Julieta (2023). Esperamos contribuir, para a episteme do campo.

**Palavras-chave:** Poética oral (Slam). Crítico cultural. Feminismos.

**Abstract:** Slam operates as means of existence and reinvention for black women from the outskirts of Salvador, they are involved in Slam battles. Our aim is to analyze the meaning of Slam for these women. This is an ongoing collaborative research project. We discuss conceptual categories such as gender, race, and feminism Gonzalez (2020), thinking as a cultural critic as in Santos (2013), cultural movements and performance Barbosa (2019), Slam poetry, or Slam as in Amanda Julieta (2023). We hope to contribute to the episteme of this scientific field.

**Keywords:** Oral Poetics (Slam). Cultural Criticism. Feminisms.

<sup>1</sup> Doutoranda do CRÍTICA CULTURAL/UNEB. Não Bolsista. Profª Assistente do DLLARTES/UNEB. Grupo de pesquisa Iraci Gama. E-mail: pbastos@uneb.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-2330-5925>.

<sup>2</sup> Professora orientadora do PROGRAMA DE CRÍTICA CULTURAL/UNEB. Grupo de pesquisa Iraci Gama. E-mail: lbarbosa@uneb.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4834-449X>.

\* Artigo recebido em 24 de junho de 2024. Aceito para publicação em 01 de agosto de 2024.

## Introdução

O Slam das Minas é formado por jovens negras poetisas de Salvador. Elas também poetizam as violências institucionalizadas cotidianas, como forma de garantir espaços seguros de fala, expressão e performances, operando através da poesia do Slam. Apresentamos, a seguir, o desenvolvimento de um estudo de caráter colaborativo, que discute feminismo, gênero, raça, classe, tomando-os como elementos da interseccionalidade, de acordo com a Lélia Gonzalez (2020).

A seguir, temos a natureza inaugural da presença mulher em espaços ainda dominados pelos homens; o Slam como expressão e espaço da fala de mulheres jovens negras baianas; as relações estabelecidas entre a pesquisa e o Programa de Pós-Crítica; o curso de Crítica Cultural, do Campus II/UNEB; e as notas conclusivas.

## Não é a primeira vez

Isto mesmo!, não é a primeira vez que mulheres investem e reivindicam o espaço de expressão, ação, vida e reafirmação de direitos, que deveriam ser naturalmente acessíveis. A reivindicação por espaços, pela fala, por memória, existência e subsistência! São aspectos que compõem a poesia das mulheres do Slam vindas de bairros populares, como: Boa Vista de São Caetano, Cabula e outros, de Salvador/Ba.

Postos ocupados por mulheres, hoje, ainda têm o élan de inaugural. E quando ocupados por mulheres negras, parece ainda mais inaugural e extraordinário, como: a primeira presidenta eleita do Brasil, Sr<sup>a</sup> Dilma Rousseff; a nossa primeira Reitora negra a Prof<sup>a</sup> Ivete Sacramento - cargo hoje assumido pela Prof<sup>a</sup> Adriana Marmori; no município de Lauro de Freitas/Ba, a primeira Tenente/Coronel Roseli, a comandar o Batalhão da Polícia Militar, Estado da Bahia. São alguns dos poucos exemplos, de tentativa de furar a bolha do patriarcado dominador. A duras penas, seguimos ocupando os espaços que não são sempre os escolhidos por nós, mulheres, ainda. Mas são os possíveis para garantir o sustento e a dignidade, pois “o que acontece no Brasil é um racismo cultural” (Gonzalez, 1979, p. 15). Aqui é naturalizada a submissão a salários menores e postos/papéis sociais desvalorizados para as mulheres (as negras são as mais atingidas), comparando-se aos semelhantes postos/papéis sociais desvalorizados, aos postos ocupados pelos homens em geral.

As mulheres do Slam também (re)existem, resistem, marcam espaços de fala e nos enchem de força, coragem e afeto, para seguir neste caminho. Elas saíram de bairros populares, como o Cabula ou o “Quilombo do Cabula” (Julieta, 2013, p. 40), furando as bolhas da resistência promovida pela sociedade constituída. Seguem, fazendo poesia oral, autoral, sensível, potente, bela, em encontros de mulheres do Slam das Minas, em Salvador/Ba, por quase dez anos, assim como pelo Brasil e pelo mundo afora.

Os *slams* são conhecidos como batalhas de poesia falada, realizadas em locais públicos, em especial, em periferias das cidades. Digamos que *Slam* é uma onomatopeia no inglês, para 'a batida de uma porta com o vento forte', conforme o dicionário Cambridge, inglês-português. As composições poéticas dos *Slams* originaram-se em fins da década de 1980, em Chicago, nos Estados Unidos, em eventos de natureza popular. Mark Smith, um operário da construção civil e poeta, com o grupo Chicago *Poetry Ensemble*, criou as primeiras noites de performances de poesia, dando-lhes o nome de *slam poetry*. A pesquisadora Roberta Estrela D'Alva fez "através de uma pesquisa proposta pela Frente 3 de fevereiro, que deu missão para seus membros estudarem o *spoken word*" (palavra falada) (Alcade, 2024, p. 28).

A partir de 2008, no bairro da Pompéia, na região centro-oeste paulistana, deu-se no Brasil o Slam inaugural que numa noite aconteceu: o *ZAP! Slam*, ou ZAP (Zona Autônoma da Palavra). Portanto, surgiu do "encantamento da acadêmica brasileira Roberta Estrela D'Alva em diálogo com Mark Smith", [...] (Alcade, 2024, p. 28), que cedeu alguns materiais e princípios básicos, destacando "o valor da expressão em detrimento ao caráter de competição nos momentos de batalhas do Slam" (Alcade, 2024, p. 28).

Assim, não é a primeira vez que mulheres reivindicam espaços, também, de fala. Mas, digamos que o vício patriarcal não nos deixa brechas para estarmos em paz, vivendo do nosso trabalho e das próprias escolhas e não mais da submissão prescritiva e reducionista arcaica. Como partir do binarismo do gênero, determinar a vida de mulheres de maneira tão absurdamente tácita? "As teóricas feministas que se coadunam com as abordagens pós-estruturalistas rejeitam os esquemas de pensamento dicotômicos e defendem o não ocultar as diferenças" (Barbosa, 2013, p. 41).

No tópico seguinte, seguiremos detalhando mais sobre a poesia oral, sua origem e o Slam em Salvador/Ba.

### As batalhas: espaço de mulheres

As batalhas acontecem em encontros, nos quais as mulheres atuam performaticamente suas poesias. Podemos reconhecer como o espaço de mulheres em prol da poética oral do Slam, ou como o chamam de "batalhas". Posto assim, parece que as mulheres fazem das apresentações dos encontros, nos quais acontecem as competições, um lugar de arena. Contudo, a ambiência dos encontros acontece de maneira acolhedora, leve e divertida, onde mulheres sozinhas podem chegar sem sofrer 'olhares' ou constrangimentos.

Os encontros são em lugares públicos, ou seja, praça públicas, restaurantes (os mais intimistas), palestras que dividem temas convergentes, centros comuni-

tários em bairros populares, centros culturais da cidade, certamente, para que a poesia se torne mais acessível. Entre os participantes encontramos, crianças, gestantes, familiares, professores, pesquisadores, pessoas de grupos sociais oriundos de vários segmentos da sociedade.

Dada a natureza colaborativa da pesquisa em desenvolvimento, em um primeiro encontro, de modo presencial, a convite e sob orientações das organizadoras do evento, vivenciamos a maravilhosa experiência, como juradas. A contrapartida não se esgotará em facultativas participações nos encontros, como a referida acima, como júri, desenvolveremos diálogos a este respeito, no sentido de ouvir e contribuir com as *slamers*, de maneira dialógica e consensual.

Nosso primeiro contato foi com Ludmila Singa, que se apresentou como organizadora (*slamaster*) do evento. Sabemos que Negafya(*slamaster*) é representante conhecida do Slam das Minas. Ao perguntar por ela, Ludmila Singa justificou dizendo que não compareceria, pois estava envolvida do desenvolvimento de outro compromisso. Mas Ludmila nos acolheu, informando que o evento naquele dia reuniria: uma batalha de Slam (presencial), seguida do lançamento do Livro *Tem Poeta na Casa*, de autoria de Amanda Julieta.

Assim, entendemos que Ludmila Singa e Negafya são as responsáveis idealizadoras das batalhas em Salvador, ou Slam das Minas. Tanto Ludmila, como Negafya são jovens negras que coordenam todas as agendas relacionadas às atividades, que envolvem os encontros dos Slam na capital baiana. Logo, são as interlocutoras da pesquisa em curso.

Antes das apresentações das candidatas inscritas, a *slamaster* Ludmila Singa, pergunta: “há poeta na casa?”, a fim de que os participantes tenham oportunidade de expressão e performance de suas obras. Então, voluntariamente, pode haver a apresentação/performance de poesias.

Trazendo à cena o encontro de Slam, o título do livro, não por acaso assim escolhido “Tem poeta na casa?”, é o justo convite feito, durante as batalhas, aos envolvidos, a fim de que haja a participação incentivada de poetas que estejam, porventura, presentes no evento. Qualquer um pode, voluntariamente, performatizar sua poesia, ou de outrem. Como acima relatado.

Sob a coordenação da *Slamaster* Ludmila Singa, que nos explicou os objetivos e os critérios a serem seguidos, conhecermos, naquela noite, a finalista que participaria de outras batalhas e representaria o Slam das Minas<sup>3</sup> de Salvador em nível nacional, sendo, talvez a representante internacional.

Ao início da apresentação, a *slamaster* Ludmila Singa, que conduz o momento descrito acima, convida a plateia a responder: “Slam das Minas!”. Ela pede

<sup>3</sup> Slam das Minas é a demonização do Slam de Salvador, sob a coordenação das *slamers* Ludmila Singa e Negafya (Nomes artísticos).

à plateia que assim responda, após ela dizer por três vezes: 'poesia, acolhimento e potência na rima', obtendo a resposta da plateia: "Slam das Minas!" por três vezes. Seguindo, a performance de poesias das candidatas inscritas para batalhar!

Após o acompanhamento de três encontros do Slam em Salvador, parece-nos que há um roteiro a ser seguido, nos encontros de Slam das Minas.

No Slam das Minas, nós nos aproximamos para pensar questões sobre: Como funciona esta dinâmica de poesias autorais faladas? O que significa, para uma jovem negra falar para o mundo, através de sua poesia? De onde vem a poesia das slamers? Por que as jovens negras querem este lugar, este movimento? E desde quando? São algumas reflexões a serem aprofundadas pela pesquisa.

Podemos até arriscar respostas para as perguntas acima. Contudo, ficamos tomadas da energia que emana das performances das belas e profundas poesias. Buscamos analisar o sentido do Slam, para essas mulheres através da pesquisa que ora desenvolvemos no Programa de Crítica Cultural na UNEB, Campus II.

Em Salvador, a pesquisa marca e acrescenta outros lugares da área metropolitana, como lugares da poesia "engajada politicamente às questões de afirmação da identidade étnico-racial negra e integrado a outras manifestações artísticas e culturais de mesmo foco" (Julieta, 2019, p. 27). Contudo, o recorte deste estudo se limita a Salvador.

Importa marcar que os espaços de fala devem ser garantidos. Como traz a sessão a seguir.

#### **"É preciso ouvir mulheres e seus buracos"<sup>4</sup>**

No Brasil, *Slams* acontecem desde 2008 no Rio de Janeiro, em Curitiba, em São Paulo e em tantos outros lugares. Porém, em Salvador (Ba), as batalhas contam com Ludmila Singa e Negafya, slamaster e negras jovens, que moram nas periferias. E ainda, como espaços para discussão e visibilização de suas demandas de natureza político-social. Não por acaso, os temas versam sobre demandas provocadas pela ausência do Estado no atendimento às necessidades básicas como saúde, educação e saneamento, por exemplo.

Nas batalhas, podemos reconhecer a literatura como ferramenta, como meio de existência e reinvenção das sujeitas nela investidas, não por acaso é o que remete ao conceito de literatura popular. A literatura politizada, descolada dos formalismos instituídos, mas, não menos rica, bela e expressiva. Do contrário ou comum lugar, a literatura sempre foi passarela para visibilidade e fortalecimento do patriarcado. Não diferente do que vemos no '*Slam das Mulé*' (grupo de Slam do

<sup>4</sup> Título do poema da slam Luz Ribeiro.

município de Camaçari/Ba)', e, também, '*Slam* das Minas'. As condições de agressões, opressão imposta e naturalizada pelo mundo patriarcal que vivemos pode ser a razão da defesa e a reafirmação da existência dos 'espaços seguros', nos quais elas garantem o espaço da fala, com o fim de exercer o direito e a liberdade de falar. O espaço da fala, como destacado por (hooks, 1995, p. 465), "nunca foi uma garantia natural para as mulheres".

Logo, as jovens negras do Slam das Minas de Salvador, em sua auto-organização, marcam o território próprio, de interlocução de textos poéticos autorais, garantindo-lhes o lugar de fala. Ou seja, percebemos o caráter de reparação, visto que, nos *Slams*, a mulher recupera o direito à expressão, recuperando o seu direito à fala. A poesia é o veículo de pautas íntimas da realidade das mulheres negras. O que nos garante acesso à visibilidade, afasta-nos da objetificação e das opressões tão reais e cotidianas do mundo machista e patriarcal.

Sabemos que no Brasil os Slams são assumidos, como uma poesia de caráter reivindicatório. Assim, faz-se relevante conhecer como a performance nos Slams ativam novos locais de fala. Eles não por acaso são lugares de poder e reafirmação identitária, logo dialogam com a expressão cultural.

Somos conduzidos a olhar a cultura popular de maneira distante e até desprezível. A menos que dela, apenas como lazer, possamos tirar algum lucro com o rótulo de identidade, como fazemos como o 'ser baiano'. Visitar o Bonfim, ir à festa de Iemanjá (dia dois de fevereiro), receber a benção de uma baiana, nem sempre é reconhecimento de uma ancestralidade. Nem sempre representa, para os que visitam a Bahia, o reconhecimento da cultura fundadora do Brasil. A cultura negra tem sido fatiada e monetizada, esvaziada de fundamentos, a olhos vistos. Todos reconhecem que a Bahia tem seu jeito, como diz Caetano Veloso. Contudo, as expressões da cultura popular, em versos da poesia marginal do Slam, do Hip Hop, como o grafite, a capoeira, tudo de que vem da forte imponente matriz africana sempre é manipulado para servir à indústria do lazer por uma moeda de troca, apenas de valor comercial. Sempre loteada, como commodities, pelos mesmos que podem investir e tirar lucro e nada fazem para continuar e fortalecê-la.

É preciso ouvir as mulheres, pois, ainda que reconheçamos que é um espaço seguro de expressão pouco ou nada exercitado por nós mulheres, faz-se necessário garanti-lo e fazer crescer a sua conquista. Nem que seja, pelo único prazer que conquistamos, o da expressão, da fala! Expressão e reafirmação da vida, reforço identitário.

## Sendo da crítica cultural<sup>5</sup>

A pesquisa que vos apresento em andamento encontra acolhimento no Programa do Pós-Crítica da Universidade do Estado da Bahia, Campus II (Alagoinhas/Ba), mais especificamente, no curso de doutorado em Crítica Cultural do Departamento de Línguas, Literaturas e Artes (DLLARTES), do Campus II/Alagoinhas/Ba.

A crítica cultural destaca e reconhece esses grupos minoritários e suas expressões identitárias, a exemplo do Slam. Seja língua, vestuários, rituais, crenças, cantos, performances, traços artísticos, tudo que seja o veículo de (re)existência. Por que resistir é mais importante, ainda que, a invisibilidade insista.

Neste estudo trata-se de uma pesquisa colaborativa, tendo como *corpus* as três jovens negras. Os meios, que são fins primeiros dessa pesquisa: o de conhecer os sentidos atribuídos por estas jovens ao Slam. Considerando, também, o olhar da crítica cultural com vistas a embasar a pesquisa de doutorado, buscamos desvendar caminhos que possam contribuir com uma maior abertura do campo linguístico-literário para um amplo e mais efetivo diálogo com as ciências humanas, “[...] ampliar também outras vias de solidariedade epistêmica, outros modos de nucleação da crítica cultural coletivamente referenciados” (Santos, 2020, p. 13).

A geração de dados visa reunir vídeos, imagens autorizadas e uma sequência de entrevistas com as quatro slamers, a partir de questionários semiestruturados. Em condições iniciais temos as colaboradoras, que usam os nomes artísticos: Nega-fya (Fabiana Lima), Má reputação (Karen Oliveira), Ludmila Singa (Ludmila Laisa).

Afinal, o direito à memória de registro das interlocutoras aqui empenhadas em rasurar os pré-moldes, que querem vestir na vida das mulheres deve ser garantido, reconhecido e materializado. Como anarquistas, ou seja, os anarquistas, do ponto de vista epistemológico, aqui seriam: pessoas que “batem painelas, os estudantes, artistas, intelectuais que tiveram suas vidas ceifadas pelo regime de exceção e vários outros componentes/pessoas da sociedade” (Santos, 2013, p. 184). Logo, destacamos a poesia das slamers como arquivos, narrativas de vida e (re) existências; garantindo, por escolha, espaços abertos pela expressão da arte literária.

Pensar como crítico cultural (Santos, 2015, p. 31) nos conduz a considerar “duplicidade do signo, que de posse do falante, como oficina de linguagem, para reinvenção de si e operador permanente contra toda forma de controle opressão dos aparatos do poder”. Logo, ao estudar poesia estamos nos oportunizando esta viagem, que a oficina da linguagem nos oferece.

<sup>5</sup> Programa Crítica Cultural, disponível em: <https://www.poscritica.uneb.br/Departamento de Letras, Literatura e Artes-DLLARTES>. Universidade do Estado da Bahia-UNEB. Campus II Alagoinhas-Ba.



É nas poesias, nas batalhas de Slam, que podemos acessar sentidos a serem mais profundamente conhecidos. Ao olhar das pesquisadoras nos afetamos de instigantes aspectos ricos em conteúdo, historicamente construídos entre relações rizomáticas<sup>6</sup> possíveis.

Discutimos categorias conceituais, como gênero, raça e feminismo Gonzalez (2020); pensar como crítico cultural (Santos, 2013); movimentos culturais e performance (Barbosa, 2019); e slam (Estrela D’Alva, 1978).

Para além de uma experiência desafiadora e rica, o Slam nos aciona não somente pela beleza, mas pela causa, pelas reivindicações inscritas nas poesias autorais, nas performances. Enfim, tudo ali, nos absorve sobremaneira à poesia oral do Slam.

Alguns versos nos slams trazem o achado de um argumento que surpreende – causa impacto a conclusão a que se chega. Trata-se de um raciocínio a desvelar uma ideia que alcança a todos e, ainda, com a coincidência estética da rima (Gama, 2003, p. 108).

Na academia, crescem os números de trabalhos, para as áreas de conhecimento voltadas para o tema, como o da colega Amanda Julieta, que teve o seu trabalho de mestrado premiado e publicado em 2023, cujo título é *Tem poeta na casa? Mulheres negras, poetry slam e insurgências*. Nesta pesquisa, a autora traz a inquietação de “entender o Slam, como uma poesia afrodiaspórica, investigando o contexto de produção e circulação das linguagens usadas pelo movimento para divulgar saberes e interpretações da sociedade” (Julieta, 2013, p. 12).

Assim, nos encontros ou batalhas de Slam nos deliciamos com momentos e temas libertários, que invadem e tomam todo o espaço através das poesias de negras, que as performatizam de corpo e alma. São mulheres que se reafirmam, através de linguagens, trazendo para a vida causas, diretamente ligadas à condição de serem negras - daí falarmos sobre feminismos, pois nela está o feminismo negro.

São vários os feminismos que temos assistido, pois o fenômeno adere às causas de naturezas reivindicatórias diretamente ligadas, também, ao gênero.

Ao se tratar da discussão sobre diferença no bojo do feminismo, uma referência importantíssima é Glória Anzaldúa que, do seu lugar de escritora chicana, trouxe intervenções das mulheres feministas não brancas, negras, indígenas, latinas, chicanas, das lésbicas, das judias, das mulheres do terceiro mundo para o debate feminista norte-americano, nos anos 80, dominado pelas feministas consideradas brancas, anglófonas, heterossexuais, protestantes e de classe média (Barbosa, 2013, p. 36).

---

<sup>6</sup> Rizoma conceito de Gilles Deleuze.



As capilarizações que adquirem os feminismos são diferentes, dada à condição que provoca a indignação onde quer que se encontre. Assim, ele produz força motriz, para que quem sofre as violências da opressão, grite!

Porém, das sabidas ondas feministas, Lélia Gonzalez, antropóloga, levanta nós profundos, complexos e bem atados. Pois, a história da mulher negra e o lugar de resistência que tem ocupado na sociedade brasileira são um caminho com arapucas, disfarçadas de luta. Pois, “o discurso é predominantemente de esquerda, de ênfase da importância da luta junto ao empresariado, de denúncias e reivindicações específicas. Todavia, é impressionante o silêncio com relação à discriminação racial” (Gonzalez, 1979, p. 15), como enfatiza a autora.

Para as mulheres negras, o peso de enfrentamento e do alcance ao padrão do *status quo* da branquitude é sempre maior, se não, dobrado. Para falar do racismo. Adicionado a esta situação existe o fato de ser mulher, assim, a mulher negra enfrenta, também, esta condição frente ao machismo.

Por meio desse sistema de escritura, mulheres negras reconfiguram o lugar de subalternizadas que a elas foi delegado para estabelecerem outros lugares de existência, na tentativa de rasurarem a violência simbólica que visa à regulação de suas aspirações conforme o que é imposto e fixado culturalmente como o lugar apropriado para elas. Isso posto, confirma-se que o racismo e o machismo se configuram como estruturadores das relações de poder que sustentam a sociedade patriarcal e localizam as mulheres negras da diáspora africana no território da subalternidade, da exclusão social e da opressão que impossibilitaram, historicamente, as mulheres negras de narrarem suas próprias experiências (Gonzalez, 1979, p. 12-3).

A demanda de um espaço de fala que fosse seguro vê-se desde o início em todas as referências acionadas até aqui. Em Amanda Julieta (2019, p. 50-1), a slammer Ludmila Singa levanta a bandeira, juntando-se às muitas vozes femininas pela garantia de “um espaço seguro de fala” (Gonzalez, 1983, p. 148). Notou-se que mesmo “em espaços mistos, ainda que irmanados por reivindicações comuns, as mulheres podem estar sujeitas a invisibilizações e outras práticas de violências” (Julieta, 2019, p. 50-1). Note-se que o poder patriarcal tem raízes muito firmes, profundas e fincadas. Pensamos que, através da educação, até mesmo não formal, será possível vislumbrar os tão desejados novos horizontes de respeito à mulher em seus espaços de escolha.

O fato nos provoca a questionar: o que nos silencia?

Para além da relação do Slam com questões de gênero e raça, classe e outras, portanto, das interseccionalidades, estão nesse bojo conexas às manifestações marginais, às performances culturais de mesma natureza; a exemplo do samba de roda, a capoeira, o jogo e de outras manifestações dessa natureza, embebidas na

caudalosa cultura negra marginal. E não por acaso, estão presentes mulheres negras, performances culturais identitárias. Temos o argumento de que,

[...] para se evidenciar a pluralidade de pontos de vista de mulheres negras jovens no hip-hop, é necessário se explicitar as diferenças intragênero, marcando o entrecruzamento de raça, gênero, classe, sexualidades e geração nas experiências destas mulheres. Estamos falando de mulheres em cena, deslocadas de lugares outros, muito mais importantes, para o fortalecimento identitário plural. E o melhor, lugar de escolha, de prazer das mulheres, no caso aí, mulheres negras do Hip hop. Me valho de eventos culturais assemelhados, onde o cerne é a expressão de mulheres, sejam no grafite, hip hop, batalhas dos slam e outras tantas expressões. Visto que, trata-se de manifestação da cultura popular (Barbosa, 2013, p. 156).

Vê-se em algo de inovador, o fato das mulheres investidas na cena do Hip hop, como um ‘lugar de escolha’. Algo potente, para o fortalecimento da ‘identidade plural’, sendo assemelhado a outros movimentos de expressão cultural, como no Slam.

A seguir, teremos que indicar, digamos, a conclusão. Contudo o sentimento é de início de uma jornada longa de belas e ricas aprendizagem sobre o tema em questão.

### Considerações finais

Apresentamos o panorama da pesquisa colaborativa, que tem o objetivo de conhecer os sentidos atribuídos pela slammers aos encontros de Slam realizados por jovens negras da periferia de Salvador.

Ainda em processo, a pesquisa indica muitos acessos conceituais a serem percorridos e expandidos, através de meios a serem explorados, que nos permite a pesquisa de campo. Porém, sentimos que estamos em vias de fazê-lo de maneira progressiva, ainda que desafiadora.

Por hora, vemos que os espaços seguros, os encontros de Slam promovidos em Salvador, ora *lôcus* da pesquisa em curso, apontam para: reafirmações através da expressão oral, como direito, poder de reafirmarem-se, uma condição reivindicada por negras jovens da periferia soteropolitana. À beleza da poesia oral autoral incluem-se contestações, ao que chamam de transgressões úteis no enfrentamento da opressão da sociedade embebida no patriarcado machista.

As oralituras, como descritas por Leda Martins (1997), que vemos nas performances dos Slams, traduzem a vida de mulheres negras da periferia de Salvador e podem ser textos oralizados, que fazem aflorar dores, amores, agressões, opressões. Enfim, são aspectos do cotidiano das mulheres. Destacando-se que, para as mulheres negras, geralmente os desafios são maiores. Afinal, eles estão relacionados aos desafios impostos pela raça, gênero, classe e outros marcadores sociais.

São elementos da interseccionalidade, de acordo com a Lélia Gonzalez (2020) Daí discutirmos feminismos.

As notas conclusivas desde trabalho moram na natureza da palavra 'Muzenza<sup>7</sup>', pois é aprendiz quem o lê e quem o escreve. Mas o escrevemos do inseparável lugar de aprendiz da matriz ancestral africana, entendendo-a como primeira fundadora do Brasil. Já que aqui fincou e cresceu junto às outras matrizes estrangeiras. Contudo, a matriz africana tão presente em nossa realidade brasileira merece reconhecimento.

## Referências

ALCALDE, Emerson. **O que é slam de poesia**. São Paulo: Editora FALA: Autonomia Literária, 2024. (Coleção Slam).

JULIETA, Amanda. **Tem poeta na casa?**. Mulheres negras, *poetry slam* e insurgências. Salvador - BA: Editora Boto Rosa, 2023. (Livros, arte e café).

BARBOSA, Licia. M. de L. **"Eu me alimento, eu me alimento, força e fé das iabás buscando empoderamento!"**: expressões de mulheres negras jovens no Hip-hop baiano. Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Paula Cristina da Silva Barreto. 2013.303 f. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia. 2013.

D'ALVA, Roberta Estrela.. **Craque do SLAM!** – O que é Poetry Slam? Com Roberta Estrela D'Alva - Top Dicas Sesc #48. Disponível em: [https://youtu.be/\\_4yIk7UAbvo?si=MWe-i7oSt-Magy6us](https://youtu.be/_4yIk7UAbvo?si=MWe-i7oSt-Magy6us). Acesso em: 29 jun. 2024.

GAMA, Danielel Marcia H. L. **Slam: a vez de dizer** / Danielle Marcia Hachmann de Lacerda da Gama. Cruz das Almas – BA: EDUFRB, 2023.

HOOKS, Bell. **Intelectuais negras**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/10/16465-50747-1-PB.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2024.

PAZINATTO, Fabrícia. B. **Slam: a poesia oral como signo de afirmação identitária e ressignificação histórica de mulheres negras**. Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Mirtis Caser. 2021. 341 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Espírito Santo, 2021.

MARTINS, Leda. **Cultura, etnicidade e trabalho**: efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher. Comunicação apresentada no VIII Encontro Nacional da Latin American Studies Association. Pittsburgh (USA), 1979.

MARTINS, Leda. **Afrografias da memória**: o reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva, Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

<sup>7</sup> Muzenza é um termo usado no candomblé de nação Angola, refere-se aos filhos de santo que "fizeram o santo". O mesmo que *iaô*, na nação Ketu. Também se refere à primeira saída pública do iniciado no candomblé angolano. O tempo vem do quimbundo, *muzenze*. Que significa, literalmente, "estranho ser animado".

MARTINS, Leda. **Oralidade da memória**. In: FONSECA, M. N. S. (Org.). Brasil afro-brasileiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MARTINS, Leda. Performance da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, [S.l.], nº. 26, p. 63-81, jun. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>. Acesso em: 05 maio 2024.

RIBEIRO, Luz. “**Deu(s) branco**”, por Luz Ribeiro. 2017. (2m54s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Eb9odWlvVyI>. Acesso em: 05 mai. 2024.

SANTOS, Osmar. M. **Se um Anarquista num cenário de Vigilância e Controle**. Salvador: eduneb, 2015.